

VOCÊ PODE DUVIDAR DE TUDO POR ALGUM TEMPO  
VOCÊ PODE DUVIDAR DE ALGUMAS COISAS POR  
TODO O TEMPO MAS, PODE VOCÊ DUVIDAR DE  
TUDO, TODO O TEMPO?

HILAN BENSUSAN  
*Universidade de Brasília*

**Abstract**

*In this paper I consider two related threats to the idea that our beliefs compose a genuine worldview the global skeptic challenge to the claim that our beliefs are somehow grounded and the suspicion that our beliefs have no relation to the world whatsoever I consider these two threats from the point of view of our activity of doubting in order to establish what follows from our capacity to doubt any claim although not all at once I argue that the two threats can be dispelled if we attend to a careful consideration of what is involved in doubting Once these threats are dismissed we find ourselves in a position that enables us to critique both a naturalist conception of our worldviews and the conception of reasons that has been recommended by Brandom*

1

Neste trabalho apresento e investigo dois argumentos transcendentais relacionados a nossa capacidade de duvidar. Os dois argumentos tentam lidar com dois personagens que colocam em cheque a objetividade de nosso conhecimento: o cético global que duvida das justificações que usamos e um personagem que sustenta que o mundo é irrelevante para a constituição e a manutenção de nossos sistemas de crença. Penso que devemos conceber o nosso conhecimento e o que seja a sua relação com o mundo de um modo que possamos resistir

aos possíveis argumentos destes dois personagens. O primeiro personagem é o cético com o qual Descartes se enfrentou e que suspeita que nossas justificações não são suficientes para nenhuma de nossas crenças. O segundo é aquele que esta por tras da posição que, segundo McDowell (1994), nos faz recuar de volta a uma posição que postule que deve haver um Dado para que o mundo possa influenciar nosso pensamento enquanto estamos oscilando entre o Mito do Dado e a posição que considera que nossas crenças patinam no vazio sem fricção. Considero a duvida do ponto de vista do que e necessário para que possamos duvidar de toda afirmação — se bem que não de todas ao mesmo tempo. Gostaria de mostrar que ao investigar a duvida nos podemos nos livrar das ameaças destes dois personagens.

## 2

Se eu acredito em  $p$ , tenho um compromisso que  $p$  seja o caso. Uma crença toma como verdade o seu conteudo. Quem entende o que eu acredito, entende com o que eu me comprometo. Interpretar os compromissos por tras das expressões de crença é uma atividade diaria de compreender os outros, compreender a si mesmo. Esta atividade diaria de todos os que querem compreender o conteudo das crenças requer o uso da verdade como medida. você não pode me entender se não tomar como verdade nada daquilo que eu tomo como verdade. Apenas quando você descobre o *tema* das minhas crenças você pode começar a entendê las. Antes disto, as crenças nem podem parecer crenças, para você. Algum acordo de fundo que estabeleça o conteudo das minhas crenças é o que as torna inteligivel — você tem que se comprometer com algumas das minhas crenças para compreender outras. De fato, não existe compreensão sem algum acordo de fundo.

Uma tatica tradicional para pensar sobre os acordos e os desacordos e, tambem, sobre o que e verdade acerca das crenças e a seguinte. Começamos tentando separar aquilo que todos concordam com aquilo que cada um pode discordar. Você compreende o que eu digo sobre esta sala porque as minhas crenças sobre esta sala *têm que ter* lastro, por exemplo, na nossa percepção comum desta sala. Ou seja, elas

têm como tema alguma coisa que você sabe o que seja — o conteúdo e o que torna minhas crenças inteligíveis. As crenças, então, são compreendidas porque, certas ou erradas, elas têm fundamento. Este fundamento é o que sugere a expressão “visões do mundo” — há apenas um mundo mas diversas visões dele. Você compreende a minha visão do mundo porque você conhece o “mundo” do qual eu tenho a minha visão. De acordo com esta tática, minhas crenças são interpretáveis, isto é, têm conteúdo, porque elas têm fundamento. Todas as crenças têm um lastro do mesmo tipo, feito de crenças fundamentais. Nós podemos discordar sobre esta sala (ou sobre o mundo) mas nossas crenças são comensuráveis pois elas têm esta sala (ou o mundo) como conteúdo. O fundamento é mais sólido se ele é universalmente aceito, ainda mais se ele está fora do espaço da dúvida. Duas coisas se esperam dos fundamentos — que eles sejam sólidos e que eles garantam conteúdo para as crenças.

O empirista encontra os fundamentos nos dados da percepção. Trata-se de um lastro feito de crenças indubitáveis fornecidas por meios causais (mentais ou neurais). Um empirista entende minhas crenças como crenças sobre aquilo que todos nos percebemos. Além disso, ele pode avaliar as minhas crenças com respeito a estas verdades gratuitas (verdades que não exigem pagamento em forma de justificação) que todos compartilhamos. “Nesta sala há uma onça cor de rosa” pode ser julgada e considerada injustificada com um simples mover de olhos. Você ainda pode hesitar em afirmar que minha crença e sobre alguma coisa que você não percebe mas você não hesita em atribuir um conteúdo as minhas crenças. O empirista, seguindo a tática tradicional, captura o conteúdo das crenças por meio de um conjunto indubitável de outras crenças das quais se espera um elo com o mundo que torne possível que tenhamos visões de mundo e que as avaliemos.

O problema com a tática tradicional, e com o empirismo, é que aquilo que é tomado como o lastro de verdade para se interpretar as minhas crenças precisa ser também interpretado. O empirista tenta colocar o lastro fora do espaço das crenças, como compromissos compulsórios. Falha porque os compromissos, compulsórios ou não, só podem ser expressos por meio de crenças e as crenças só expressam compromissos quando interpretadas. As tais verdades gratuitas,

que nos não conseguimos por meio de um esforço conceptual mas que apenas recebemos do mundo, são um mito, intuições soltas das crenças são mudas. O mundo, feito de dados dos sentidos ou de acontecimentos, não pode ser isolado do conteúdo de todas as crenças. Sem o empirismo, e desconfiados da tática tradicional, ficamos sem um conjunto de verdades fixas para extrair os conteúdos das crenças. Você pode ainda entender as minhas crenças assumindo que elas se baseiam em algum conjunto de crenças com o qual você também está comprometido. Mas não existe nenhum parâmetro privilegiado que sirva sempre de fita métrica para entender qualquer crença.

A diferença entre um parâmetro privilegiado fixo e uma alternativa de diferentes medidas que tornem possível a interpretação de qualquer crença e a diferença entre uma semântica que espera poder partir da evidência sensorial e uma semântica que parte das crenças compartilhadas. E a diferença entre o empirismo sem dogmas de Quine (1960, 1995, 2000) e a posição de Davidson (1983, 2000). Davidson, e claro, tenta minimizar a diferença. Mas a diferença entre estímulo próximo e estímulo distante faz toda a diferença no que tange a separação entre estímulos e um mundo público compartilhado, entre intuições sensíveis e conceitos. Davidson (1990) diz que o que sobra do empirismo é apenas que

os órgãos dos sentidos são causalmente essenciais para o conhecimento empírico. Parece-me que isto não é uma tese epistemológica suficiente para distinguir o empirismo de qualquer outra visão da natureza do conhecimento. (p. 76)<sup>1</sup>

Quanto à redução do conteúdo a um lastro sensorial, o antagonismo de Davidson (2000) é completo.

O conteúdo é ancorado em um objeto, evento ou aspecto do mundo compartilhado desde o começo. Mas se e assim, o conteúdo tem um elemento que é não apenas acidentalmente relacionado com o ambiente. Segue-se que nenhuma abordagem do conteúdo que não dependa de uma conexão com o mundo público pode jamais funcionar. A abordagem de Quine do conteúdo de sentenças observacionais depende de uma tal conexão, e o conteúdo portanto tem um controle externo, sua abordagem do conteúdo das crenças que são expressas por tais sentenças não tem nem conexão e nem controle. (p. 84)

## 3

Os filósofos vem há seculos criando lendas sobre uma personagem que não se satisfaz com nenhuma justificação até hoje apresentada. Tem apenas duvidas. O cético duvida de tudo, tem uma duvida global. Contam muitas coisas do cético: alguns o imaginam com crenças mas sem compromissos, outros o imaginam apenas com compromissos mínimos (ele crê na agua quando bebe agua, ele crê nas indicações de trânsito quando anda pelas ruas). Estes compromissos mínimos são difficilimos de entender completamente mas isto não vai nos incomodar aqui. Vou falar também de uma outra personagem: o descrente dos conteudos das crenças. Podemos chama-lo simplesmente de descrente, alguém que não interpreta as crenças dos outros mas tambem não crê. O descrente acredita que ninguém tenha razão suficiente para afirmar que possui uma visão do mundo (ou desta sala). Deste modo, o descrente não precisa compartilhar verdades com quem quer que seja que ele queira interpretar: não há ninguém que ele queira interpretar. Minhas crenças podem ser propriedades neurais, ou disposições para certos comportamentos ou mesmo estados de minh'alma mas elas não têm nenhum conteudo, não são acerca de nada. O descrente fica sendo um descrente dos projetos epistemologicos: se não existem conteudos de crenças, então, imagine-se, elas não ficam em um espaço das razões (*space of reasons*), na expressão de Sellars. As crenças, no maximo, relacionam-se entre si, uma condiciona a outra — por exemplo causalmente. O descrente geralmente adere a algum projeto relativista ou naturalista ou sociologista e, ao invés de procurar respostas nos cursos de epistemologia passa a buscá-las nas ciências, naturais ou sociais, ou alhures.

Quem é o descrente? Trata-se o descrente do mesmo cético que duvida de tudo, aquele que afirma ou suspeita que todas as crenças humanas são falsas? Uma personagem diz que nós não temos opiniões sobre nada e o outro diz que todas as nossas opiniões estão (ou podem estar) erradas. Um não entende ninguém enquanto o outro discorda ou suspeita de todos. Tentemos fazer estes personagens mais verossimeis. O descrente que não entende ninguém, e claro, também não entende a si mesmo, não entende, por assim dizer, a crença que ele possui de que nenhuma crença tem conteudo. O cético que du

vida de tudo encontra o conteúdo das crenças dos demais e franze a cara. Ele duvida de qualquer coisa que alguém, inclusive ele, se disponha a acreditar. Vamos pensar na agenda empirista. Quanto ao descrente, que não capta o conteúdo das crenças, o empirista insiste que os dados sensoriais são comuns a todos, inclusive ao descrente. Esses dados, uma vez recebidos pelo descrente, fazem no dispor de tudo o que necessita para captar o conteúdo das crenças e, também, para avaliá-las. O empirista pensa que é possível conduzir qualquer um de seus dados sensoriais indubitáveis e feitos de elementos não-conceituais e não-doxásticos até a interpretação das crenças. Também pensa que é possível conduzir o cético que duvida de tudo dos fundamentos inquestionáveis a maioria das crenças humanas (ou pelo menos aquelas avalizadas pela ciência). Frente ao empirista, o cético veste sua máscara humeana e olha com desprezo: eu te concedo os dados sensoriais, muito bem, mas a partir disto não me convences de coisa alguma. Mas o empirista pensa que ao menos um primeiro passo já foi dado. Já o descrente, frente ao empirista, diz que não há conteúdo nas crenças que o empirista que fazer valer pois este conteúdo não pode vir dos dados sensoriais, já que eles, sem a contribuição dos conceitos, não podem dizer nada. McDowell (2000) diz:

Se alguém [ ] não consegue ver como sua capacidade de responder a intuições pode assegurar que os pensamentos não são vazios, ela se encontra em um impasse mais enervante do que o ceticismo típico. O ceticismo típico assume que nos temos uma visão de mundo, e meramente questiona se nos temos o direito de tê-la. [Se vemos o conteúdo como dado por uma mera resposta a intuições,] fica ininteligível que nos tenhamos uma visão de mundo. (p. 92)

O empirismo, se falha em mostrar como pode haver um puro lastro que garanta interpretabilidade as crenças, fica vulnerável às inquietações céticas e as inquietações descrentes. Porém, uma vez abandonada a agenda empirista, os dois personagens podem parecer ainda mais confortáveis. Eles também parecem mais distantes um do outro, parece que não há nada que possa dissuadir ambos. Um interpreta e duvida e o outro declara ser inútil qualquer tentativa de interpretação.

## 4

Barry Stroud (2000) elabora um argumento transcendental baseado em Kant e Davidson contra a possibilidade de duvida generalizada. Trata-se de um exame do que torna possível uma interpretação. O argumento parte da observação de que a crença de que não ha uma onça cor-de-rosa nesta sala e a crença de que eu acredito que ha uma onça cor-de-rosa nesta sala não podem ser mantidas ao mesmo tempo. Não porque não possa ser o caso que eu esteja enganado acerca da onça, mas porque não pode ser que eu acredite em algo que eu tomo como falso. É uma impossibilidade epistêmica (ou doxástica) dado que toda crença traz um compromisso — eu fico coibido de comprometer-me com a negação daquilo que eu acredito. Por razões similares, o cético não pode interpretar todas as minhas crenças e, ao mesmo tempo, acreditar que tudo é falso. A interpretação em si mesma exige o compromisso com a verdade de alguns dos conteúdos. A compreensão so e possível para quem aceita algumas (ou a maior parte) das minhas crenças. Ora, o cético não pode acreditar (para interpretar) e não acreditar em algumas das minhas crenças, portanto o cético que duvida de tudo não é possível. Thomas Nagel atribuiu este cogito a Davidson: *je pense donc je sais*. Claramente, o argumento transcendental por si so não descarta a possibilidade de que tudo o que eu acredite esteja errado. Isto apenas elimina a possibilidade de que alguém entenda todas as minhas crenças e, ao mesmo tempo, ache que elas são todas falsas. Um numero de verdades tem que ser assumidas, ainda que não sejam garantidas. Melhor dizendo, elas não são garantidas contra a falsidade, mas são garantidas contra a discordância.

Brandom (1994, 2000) procura entender o conteúdo dos pensamentos e a objetividade das representações em termos do jogo social de demandar e apresentar razões. Tentemos entender o argumento transcendental acima nos termos e moldes de Brandom. As proposições sempre podem ser entendidas em termos de inferências que elas permitem, inferências que elas impedem e inferências que elas impelem. Estas inferências são parte de um jogo social em que se aceita ou se rejeita justificações. Brandom pensa que é uma boa idéia substituir a noção de crença (e uma noção primitiva de ver-

dade) pelos conceitos de compromisso, permissão (*entitlement*) e incompatibilidade. Eu tenho um conjunto de compromissos, alguns são permitidos (legítimos) e alguns tornam outros impossíveis. A diferença entre asseverar que “há uma onça cor-de-rosa nesta sala” e que “tenho a impressão de que há uma onça cor-de-rosa nesta sala” esta nos compromissos que as duas asseverações carregam. Quando digo a primeira, ponho a minha mão no fogo, quando digo a segunda, apresento-me com as minhas cautelas. Toda a rede de razões está apoiada em uma corrente de compromissos, permissões (se eu sou um alucinador compulsivo de animais selvagens cor-de-rosa, eu fico desqualificado como informante) e incompatibilidades que são compreensíveis apenas se uma parte dos compromissos forem transmissíveis para outros produtores e consumidores de razões. Esta estrutura sutil que determina que compromissos podem ser transmitidos — uma estrutura de confiabilidade — é o fundamento do que parece ser representação do mundo. Esta estrutura, segue o argumento transcendental em *brandomês*, e o que permite que alguém possa compreender e participar das interações sociais. Estas interações só são possíveis se alguns compromissos forem endossados. O cético que duvida de tudo, não pode participar da sociedade porque não pode se qualificar como produtor e consumidor de razões.

## 5

Em que pé estamos? Uma vez aceito o argumento transcendental acima, o cético deixa de ser uma personagem de carne e osso (e crenças). As dúvidas não podem se assentar fora do espaço das crenças. Um ceticismo global teria que se apoiar em uma concepção da verdade que permitisse que as crenças pudessem ser confrontadas com o seu conteúdo diretamente, sem a participação de outras crenças. Uma vez aceito o argumento transcendental, fica impossível que alguém tenha uma dúvida global simultânea. O argumento não impede que todas as nossas crenças estejam erradas, mas o espírito da argumentação sugere que uma tal concepção radicalmente não-epistêmica da verdade não faz sentido. Cada uma de nossas crenças pode ser posta em dúvida mas não todas ao mesmo tempo. Nesse sentido, podemos ter uma dúvida global cada uma das minhas crenças



pode ser tomada como falsa, mas não todas de uma vez. A dúvida requer compreensão do conteúdo e, portanto, não pode ser global em um só passo. Aliás, esta é uma estratégia que os céticos muito usam: ter um alvo móvel, aceitar  $p$  para pôr  $q$  em questão e depois pôr também em questão  $p$  aceitando  $q$ . Com isto, mostra-se não que  $p$  e  $q$  podem ser postos em questão, mas que cada um deles pode ser duvidado de cada vez. Em outras palavras, fica em xeque o elo entre  $p$  e  $q$ , a justificação de qualquer um dos dois com base no outro. E cada um dos elos entre as minhas crenças pode ser posto em questão, se houver uma conexão racional entre elas. Senão, haverá elos inevitáveis, por exemplo causais, e eles não poderão ser postos em questão. A possibilidade do ceticismo com respeito a cada uma das minhas crenças é a possibilidade de que elas possam ser justificadas.

Os conteúdos das crenças, claro, são encontrados nas outras crenças que nós aceitamos, se não quisermos apelar para a agenda empirista. Temos apenas que aceitar a cada passo uma massa de crenças suficientemente grande para interpretar uma crença que está sendo posta em questão e assim podemos nutrir dúvidas. Só podemos tratar dos conteúdos das crenças por meio de outras crenças, só podemos compreender do que as crenças tratam em termos de outras crenças que aceitamos. Os conteúdos, sugere o argumento transcendental, são eles mesmos inteiramente doxásticos.

## 6

Consideremos agora o descrente. Uma maneira de salvar o efeito bombástico da dúvida global simultânea é desistir de compreender o conjunto das nossas crenças e suspeitar que elas não têm conteúdo. Com esta manobra, transformando-se em um descrente, estaria o cético salvo das consequências do argumento transcendental? O cético passaria a dizer que as minhas crenças podem ter relações entre si, até relações causais, claro, mas passam pelo mundo sem triscá-lo. Aqui, o conteúdo das crenças se torna desnecessário, cremos e é só. Mas e o argumento transcendental? Penso que ele não impede a manobra de negar o conteúdo das crenças. Isso fica evidente quando consideramos a versão do argumento em brandomês. O jogo social de

oferecer e demandar razões pode acontecer sem requerer conteúdos. O argumento transcendental não faz diferença para quem afirma que sequer entende o conteúdo das minhas crenças. Se não há conteúdo, elas não podem ser julgadas como verdadeiras ou falsas.

O argumento em Brandom nos leva de volta a Brandom. Há diversos tipos de descrente. Há o que defende a redução do epistêmico ao psicológico (ou, em geral, razões a causas), há o que acha que a busca do conteúdo das crenças nos leva apenas a outras crenças e nunca tocam no mundo, há o que pensa que se um conteúdo pode ser atribuído a uma crença, qualquer outro conteúdo pode também lhe ser legitimamente atribuído. Brandom parece defender uma modalidade de descrença. Um tipo de descrença sofisticado que não pretende reduzir regras a regularidades e nem retirar o caráter normativo do discurso sobre conteúdos. Seu projeto é o de entender o conteúdo das crenças em termos do jogo social da comunicação. Os processos de oferta e demanda de razões são tudo o que se pode utilizar para esclarecer as expressões de crença. Naturalmente, se não há conteúdo nas crenças, elas podem ser entendidas de um ponto de vista inferencialista, ou seja, partindo da idéia de que as crenças são compreendidas por meio das inferências que elas tornam possíveis, das inferências que elas impelem e das que elas impedem. O inferencialismo por si só não elimina os conteúdos das crenças. Davidson, por exemplo, sustenta que as crenças são sempre conectadas com suas suposições e suas consequências mas também que elas são interpretáveis. São interpretáveis porque são tomadas de posição acerca de como são as coisas. As tomadas de posição podem ser entendidas apenas quando pelo menos algumas destas tomadas de posição são comuns. O inferencialismo de Brandom parece ir mais longe. As inferências, formais ou materiais, são entendidas como um sistema não interpretado. A sociedade, presente e futura, mantém um placar de correção e erro (*scorekeeping*). As normas de interpretação são reduzidas a normas sociais de aceitação e recusa de inferências.

*Atribuir crenças ou compromissos e uma atitude prática que está implícita nas nossas práticas de manter um placar, apenas dentro do qual alguma coisa pode ter o significado de uma afirmação ou um julgamento. Atribuir crenças ou compromissos e tomar esta atitude*

pratica *implicita* na forma de uma afirmação Em uma linguagem sem locuções que atribuam atribuições *explicitamente*, operadores como “crer que” e “afirmar que”, tudo o que podemos *fazer* e atribuir com promissos (p 174)

As normas estão associadas as práticas mas estas praticas, ao inves de epistêmicas (ou seja práticas de interpretação e justificação) são praticas de socialização e comunicação Ou seja, não se trata aqui nem de entender o espaço das razões com alguma formula causal e nem mesmo de descartar toda fala sobre livre arbitrio e responsabilidade Estas coisas encontram seu lugar nas regras sociais, nas praticas de comunicação e não dependem de uma atitude em relação a uma intenção de representar

Ilustra imaginar como o inferencialista descrente trata da interpretação radical Em contraponto a triangulação de Davidson, o inferencialista descrente tem como ponto de apoio normas sociais comuns Tem que haver princípios de justificação comuns entre a intérprete e a interpretada para que haja compreensão Encontrar as inferências comuns relevantes seria o objetivo “*Gavagai*” haveria que ser entendido a partir de compromissos, permissões e incompatibilidades comuns Interpretar é destilar o que um enunciado impele, impede e permite Uma observação é a seguinte o conceito de compromisso no contexto do inferencialismo descrente é diferente daquele vínhamos usando até aqui Um compromisso, para Brandom, não é um compromisso de que algo seja o caso, mas um conjunto de restrições à inferência O inferencialismo descrente, que parece que Brandom quer defender, pode ser entendido assim

- i creanças são entendidas em um contexto inferencial, resumem-se a restrições, permissões e incompatibilidades inferenciais<sup>1</sup>,
- ii inferências obedecem a normas embrenhadas em praticas sociais,
- iii estas práticas sociais são suficientes para explicar o discurso doxástico, a (aparência de) representação e a objetividade

Note que esta posição<sup>2</sup> faz justiça à idéia que onde ha conhecimento ha dúvida Os compromissos são responsabilidade de quem os toma

e estão sujeitos a que alguém mostre que eles não estão permitidos. Preserva-se o arbítrio no julgamento e a possibilidade de erro. De fato, o inferencialismo descrente preserva a transcendência da correção por meio daquilo que é permitido comprometer-se. Brandom gaba-se de não precisar ter que apelar para nenhuma condição ideal, tal como em Putnam (1975). A posição permite que a esfera epistêmica seja explicada em termos não-epistêmicos mas ainda normativos.

## 7

Haveria um argumento transcendental semelhante ao que mostra a impossibilidade de um cético e que afeta o descrente? Eu penso que um argumento pode ser esboçado. O descrente tem uma maneira de entender o espaço das razões, como um conjunto de práticas inferenciais acompanhadas por um placar social ou como algum mecanismo causal. Não importa se o descrente preserva ou não algum espaço normativo. Importa que, se o espaço das razões é explicado em termos quaisquer mas de natureza não-epistêmica, estes termos impedem alguma dúvida. A redução do epistêmico ao que quer que seja atrela a dúvida a algo não-epistêmico. Assim, por exemplo, se 'passível de crítica' é entendido como 'evolucionariamente desvantajoso', atrela-se qualquer juízo sobre o que é passível de crítica a um critério evolucionário. Note que mesmo que o que seja considerado evolucionário mude de acordo com as etapas e as modas da história da biologia teórica, haverá certas coisas que, de fato, não podem ser ditas passíveis de crítica por não serem (na melhor biologia teórica possível) evolucionariamente desvantajosas. Ou, no caso do nosso inferencialista descrente, se a dúvida é entendida como uma prática social sem nenhum vínculo com conteúdos, alguma dúvida haverá de ser proibida pelas normas sociais. Brandom diria que há um espaço para a transcendência: trata-se do que as normas permitem que alguém se comprometa. Porém, estas normas são sociais e a dúvida só é possível se estas normas permitem. Pode ser que não possa haver dúvida alguma senão quando alguma condição não-epistêmica seja cumprida. Ou seja, pode ser que algum correlato não-epistêmico do espaço das razões seja mais do que um arremedo. Pode ser que o de-

scrente promova, não a substituição do espaço das razões por algum *ersatz*, mas a elucidação da natureza deste espaço. Entretanto, esta elucidação terá que impedir alguma dúvida. Perde-se, nesta redução, a autonomia do epistêmico: a capacidade de duvidar de tudo.

Kant inspira-nos a dizer assim: sem um genuíno espaço epistêmico, não há maneira do nosso pensamento ser responsável pelo que diz sobre o mundo. Mais cedo ou mais tarde encontramos uma completa (hetero-)determinação das nossas ações. O caráter especial do espaço epistêmico e o que permite crer e duvidar. O argumento transcendental contra o cético mostra que, se alguém duvida de tudo por todo o tempo, não é possível compreender nenhuma crença. O argumento transcendental contra o descrente mostra que, se alguém não atribui conteúdo às crenças, priva-se da possibilidade de duvidar de tudo (pondo, claro, uma dúvida de cada vez).

Admitamos que os argumentos acima convenceram a todos. Neste caso, admitimos que, para podermos compreender alguma coisa, não podemos duvidar de tudo o tempo todo e, para podermos duvidar de tudo em diferentes ocasiões, temos que admitir que compreendemos alguma coisa. Porque duvidar de tudo em diferentes ocasiões sem compreender exige que se faça uma teoria das crenças que não envolva os seus conteúdos. Assim, o cético que se torna descrente para se abrigar do primeiro argumento transcendental fica, pela força do segundo argumento transcendental, incapacitado de duvidar de tudo, mesmo de vez em quando.

Os pressupostos da compreensão e da dúvida apontam para um espaço epistêmico genuíno. Que espaço é este? Como se relaciona o espaço epistêmico com o resto do mundo? O que é possível dizer sobre a ontologia deste espaço *sui generis*? Entendê-lo como *sui generis* impede que o tomemos como um departamento do domínio das causas ou do domínio das normas sociais. O espaço epistêmico é o espaço da interpretação das crenças e o espaço da dúvida. Um possível ponto de partida para tratar de como ele se relaciona com o resto do mundo é a pergunta pelo que há além do espaço das razões. McDowell responde a esta pergunta assim: ele é ilimitado, tudo pode ser trazido para o espaço epistêmico, tudo pode tornar-se objeto de conceitos e assim títulos do pensamento. Não é que o mundo seja ele mesmo epistêmico, mas o conteúdo dos estados epistêmicos é o

próprio mundo McDowell (1994) diz assim quando discorre sobre a realidade independente dos nossos estados epistêmicos

“Pensamento” significa o ato de pensar mas também o conteúdo do que é pensado o que alguém pensa Se nos reconhecemos a independência da realidade, o que nós reconhecemos são restrições de fora do [nossos atos de] pensar e julgar [ ] As restrições não precisam vir de alguma parte que não seja conteúdo pensável (p 28)

Se aceitarmos esta ausência de diferença ontológica entre conteúdos de estados epistêmicos e o mundo, ainda é legítima a pergunta “o que há para além do espaço das razões?” Podemos imaginar que, fora do espaço das razões, há um domínio onde há apenas causas e também um domínio onde há apenas normas sociais Mas essas causas e normas devem ser pensáveis Em particular, para que possamos acomodar a inquietação do descrente, e preciso que elas sejam, cada uma delas, duvidáveis O espaço epistêmico é, pensando no argumento acima contra o cético, o nosso ponto de partida desde que começamos a atribuir crenças aos outros e a nós mesmos Se esta posição pode ser elaborada de modo a aquietarmos o cético e o descrente dentro de nós, contudo, e questão para outras páginas

## Bibliografia

- Brandom, R (1994) *Making It Explicit* Cambridge, MA Harvard University Press
- (2000) *Articulating Reasons* Cambridge, MA Harvard University Press
- Davidson, D (1983) ‘A coherence theory of truth and knowledge’ In D Heirich (ed) *Kant oder Hegel* Stuttgart Klett Cotta
- (1990) ‘Meaning, truth and evidence’ In Barrett and Gibson (eds) *Perspectives on Quine* Oxford Blackwell
- (2000) ‘Reply to W V Quine’s “Where do we disagree?”’ In Hahn (2000), p 80–6
- Hahn, L (2000) *The Philosophy of Donald Davidson* The library of living philosophers, vol XXVII La Salle, IL Open Court, EUA
- McDowell, J (1994) *Mind and World* Cambridge, MA Harvard University Press

- McDowell, J (2000) 'Scheme-content dualism and empiricism' In Hahn (2000), p 87–104
- Putnam, H (1975) *Meaning and the Moral Sciences* London Routledge & Kegan Paul
- Quine, W V O (1960) *Word and Object* Cambridge, MA MIT Press
- (1995) *From stimulus to science* Cambridge, MA Harvard University Press
- (2000) 'Where do we disagree?' In Hahn (2000), p 73–9
- Stroud, B (2000) 'Radical interpretation and philosophical scepticism' In Hahn (2000), p 139–62

## Keywords

Ceticismo, Davidson, visão de mundo, crenças, dúvida global

*Departamento de Filosofia  
Universidade de Brasília  
Brasília, DF  
Brazil  
hilanb@unb.br*

## Notes

<sup>1</sup> Traduções sempre minhas